



SINAFRO

VISÃO DOCENTE E DISCENTE SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DE LEITORES

Hosana Carolina Jales da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/karolina_jales@hotmail.com

Antônio Adeílson da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/adeilsongta@hotmail.com

Larissa Cristina Viana Lopes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/larissinhafontes@gmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva fazer uma análise sobre as concepções do professor e de seus alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, de uma escola estadual de Patu-RN, a cerca da contação de histórias em sala de aula na perspectiva da formação de leitores. Para a realização da pesquisa, executada numa esfera qualitativa, indutiva e descritiva, fizemos uso de uma entrevista semi-estruturada com o professor gravada e transcrita, cujas perguntas enfatizam a contação de histórias para a formação leitora, e questionários aplicados aos alunos, com indagações sobre o mesmo assunto. Esta pesquisa se fundamenta nas discussões de alguns autores como Amarilha (2004), Coelho (2000), Zilbermam (2003), e documentos oficiais como os PCNs, sobre o desenvolvimento do gosto pela leitura, mediante a motivação e participação do professor como leitor e contador de histórias. Com base nas teorias discutidas e as análises feitas esta pesquisa constata que a concepção do professor cuja visão sobre a contação de história é permeada pela criatividade promovendo um momento prazeroso, podendo fazer o aluno gostar de ler. Os questionários aplicados aos discentes indicam o gosto pela contação de história na aula, confirmando serem bons ouvintes e se sentirem num bom momento durante a aula, que é o momento da história.

Palavras chave: Contação de histórias. Concepção docente e discente. Formação do leitor.

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br



INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise da concepção do professor do 4º ano do Ensino Fundamental da cidade de Patu-RN enquanto mediador da leitura e contador de histórias em sala de aula, na perspectiva da formação de leitores, como também a visão dos alunos diante dessas práticas. Para isso, utilizamos de uma entrevista com o professor e questionários para seus alunos. As perguntas tanto para discentes quanto para o docente passeiam entre questões ligadas à contação de história e a leitura em sala de aula.

Como fundamento teórico para as nossas discussões utilizaremos as concepções de alguns autores como Amarilha (2004), Coelho (2000), Zilbermam (2003), dentre outros documentos oficiais, os quais abordam o tema contação de história como também o gosto pela leitura, motivado desde a infância através da participação do professor como contador de histórias.

O artigo apresenta uma abordagem qualitativa considerando a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e o sujeito. O método utilizado é o indutivo, assim trazendo resultados prováveis para a pesquisa. O mesmo encontra-se dividido em duas partes sendo que a primeira traz uma discussão teórica acerca da contação de história para a formação do leitor e a segunda a análise da entrevista do professor e dos questionários dos alunos, a fim de compreendermos as visões docente e discente sobre o assunto.

Por ultimo traremos nossas considerações à pesquisa realizada, esperando que a mesma venha a colaborar com questões que ainda dificultam a visão de professores e de alunos em relação à contação de histórias através da literatura infantil, tendo em vista o aspecto lúdico que ela possui, com a finalidade de formar leitores para a vida inteira.





1 DISCUTINDO LEITURA, LITERATURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

As relações entre literatura e infância se interligam através da história. Segundo AMARILHA (2001), ao estabelecer a relação entre literatura e infância deve haver o reconhecimento da inserção da criança no tecido social, incluí-la enquanto ser capaz de gerar mudanças na amplitude, no mundo em que vive e na sociedade sob a qual ela se organiza.

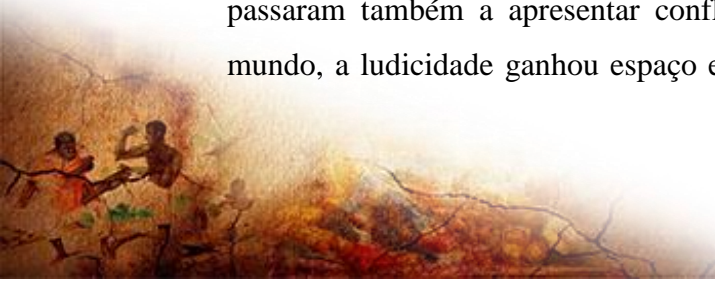
Diante disso, o conceito de infância conforme AMARILHA (2001) advém do “latim, *infantia* que quer dizer incapacidade de falar, mudez, esse conceito deriva do fato de se considerar que até os 07 (sete) anos de idade a criança não tinha a capacidade de falar”. Isso significa que através da literatura a criança começa a ser pensada de forma diferente, sob o aspecto da imaginação

Durante a Idade moderna a infância começa a ser pensada através da literatura, “a mudança ocorreu diante de outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros” (ZILBERMAM, 2003, p. 15).

Nesse momento, a criança passa a ser pensada diferente do adulto, com necessidades e características próprias, devendo se distanciar da educação feita e rodeada apenas pelos mais velhos para receber uma educação especial a ela. A criança, então, deixa de ser vista como um adulto em miniatura e passa a ter características próprias, gostos próprios, passa a ser olhada de forma diferente, com mais cuidados, tanto educacionais quanto de saúde e bem estar.

As obras literárias começam a ganhar espaço na vida da criança, mesmo assim nem todas as crianças liam as mesmas. Historicamente, segundo CUNHA (1988, p. 19), “A criança da nobreza orientada por preceptores lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes desprivilegiadas liam ou ouviam as histórias de cavalaria, de aventura”.

O próprio avanço da educação escolar ocasionou um crescimento em relação às publicações de livros infantis, diz PAIVA (2008), que as obras passaram a representar melhor o universo da criança, sendo mais atrativas e preocupadas com o senso crítico, passaram também a apresentar conflitos e questionamentos entre a criança e o seu mundo, a ludicidade ganhou espaço e valor, como também os livros ilustrados. Ainda





segundo PAIVA (2008), os livros ilustrados além de terem a beleza das imagens e da irresistível atração provocada pela variedade de cores e formas, a própria ilustração permite à criança um acesso mais facilitado à história escrita.

Nesse pensamento, o livro deve ser inserido na escola e intimamente nas salas de aula não somente como um apoio pedagógico, ou instrumento de ensino, mas também como uma forma de acesso ao saber ao alcance das crianças.

A literatura dessa forma faz com que a criança conheça outras culturas e veja a sua própria diante destas, a partir desse conhecimento ela passará a posicionar-se melhor sobre acontecimentos reais e acontecimentos ficcionais. As experiências vividas pelo leitor através da leitura literária são experiências únicas, que geram conhecimento e faz de um mundo desconhecido um mundo importante para ele e, diante disso, será formado um leitor competente, que entende essa importância e busca cada vez mais a leitura, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN.

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade (BRASIL, 1997, p. 54).

O professor, nesse caso, deve agir como um motivador à leitura e não com imposição sobre ela ou utilizá-la sempre para a obtenção de notas. Atividades de leituras espontâneas são aquelas que fazem um verdadeiro leitor, um leitor que gosta de ler e que aprende com as leituras que faz.

Ouvir muitas histórias é o primeiro passo para o começo da vida de um leitor e, prontamente, da aprendizagem que o direcione, o eduque e o transforme em um cidadão que compreende o mundo a sua volta e participa ativamente da sociedade.

O interesse da criança em ouvir histórias está diretamente relacionado ao seu envolvimento com os personagens, ao fato de a literatura infantil proporcionar um sentimento de ligação com os acontecimentos que vão sendo narrados ou até mesmo a própria estrutura da narrativa proporciona a criança certo envolvimento emocional. “Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa”. (AMARILHA, 2004. p.18).

Mas vemos que atualmente o auge da era tecnológica tem tomado muito o espaço da leitura literária e, da contação de história como entretenimento e conhecimento, a família não parece continuar ativa nessa missão de contar histórias: “a

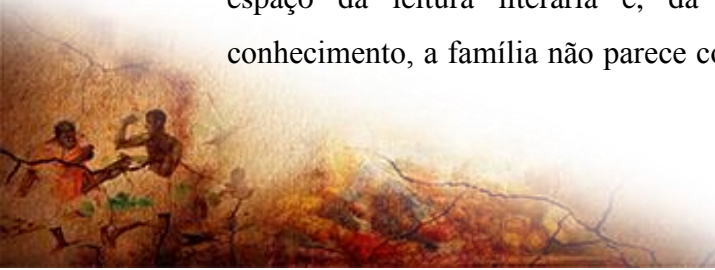




figura dos pais e avós narradores está em extinção, e como ela estão em risco de desaparecimento também as canções de ninar, os trava-línguas, as quadrinhas” (RITER, 2009, p. 67).

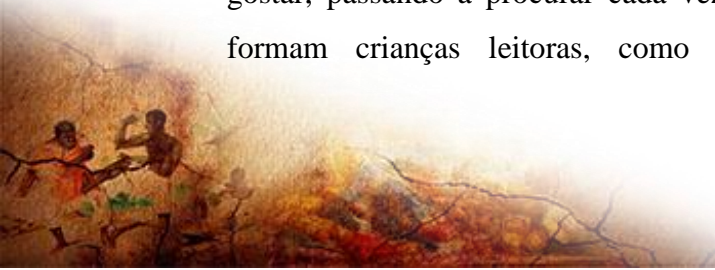
Se a contação de história é importante para a formação leitora, para a ampliação dos saberes e já não tem tanto espaço em casa, que é onde deveria iniciar esse processo, à escola caberia esta responsabilidade, principalmente ao professor, mesmo sabendo que a contação de histórias deve fazer parte da vida das crianças desde muito cedo, o mesmo deve entender seus alunos e conhecer alguns aspectos importantes de cada fase, pois eles mudam os gostos referentes às obras literárias. Para CUNHA (1988), existem três fases que devem ser conhecidas e consideradas:

Na fase do mito se encontram as crianças de 3/4 anos e de 7/8 anos, predomina nelas a fantasia, o animismo: tanto quanto as pessoas, os objetos têm para a criança alma, reações. [...] A segunda fase de 7/8 e de 11/12 anos se caracteriza pelo conhecimento da realidade. As crianças tem então maior necessidade de ação: do plano contemplativo da fase anterior, passa ao executivo. [...] A terceira fase é de 11/12 até a adolescência é a do pensamento racional começa na criança o domínio das noções abstratas (p. 78-79).

O estudo dessas fases é importante, pois “evidencia-se a preocupação com o valor moral, ou educativo da obra” (CUNHA, 1988, p. 79). Além disso, a contação de histórias deve ser um momento alegre e agradável para a criança, nas mais diversas idades, tendo em vista que o gosto pela leitura e pelas narrativas deve ser estimulado na infância, para que desde cedo a leitura seja algo prazeroso, assim como também o contato direto com o livro. ZILBERMAM (2003) enfatiza que o livro fornece uma interação com o meio social, para a criança assumir uma postura inquietadora e assim para uma compreensão de seu mundo interior com o seu mundo exterior.

Dessa forma, entendemos que é de imprescindível importância o contato da criança com o livro da história que lhe foi contada para a sua formação enquanto leitora, visto que ela identifica os acontecimentos narrados às palavras escritas, ao folhear o livro e se apaixona pela leitura, pois lá está a história que lhe agrada. RITER (2009, p. 60) diz que o contato com os livros propicia “[...] um momento de encontro com a magia, com a fantasia, com a reflexão sobre o mundo, sobre a vida, sobre si mesmo”.

A criança que houve boas histórias sabe contar e, conseqüentemente, aprende a gostar, passando a procurar cada vez mais a sua origem no próprio livro. Assim se formam crianças leitoras, como também crianças desenvolvidas oralmente e





intelectualmente, crianças com capacidades de recriar aspectos ficcionais diante da sua própria realidade. Ao contar ou ao ouvir uma história a criança está desenvolvendo a sua imaginação e aprendendo através dela, começando a conhecer outro universo.

Todos os aspectos que envolvem uma história chamam a atenção das crianças fazendo com que elas identifiquem-se cada vez mais com as formas de linguagem utilizadas numa narrativa, conseqüentemente com os fatos e o sentido desta, tendo em vista que “ao narrar oralmente o professor estar fornecendo a criança a possibilidade de ampliar sua capacidade de antecipação sobre as estratégias da linguagem literária e da construção do sentido” (AMARILHA, 2004, p. 21).

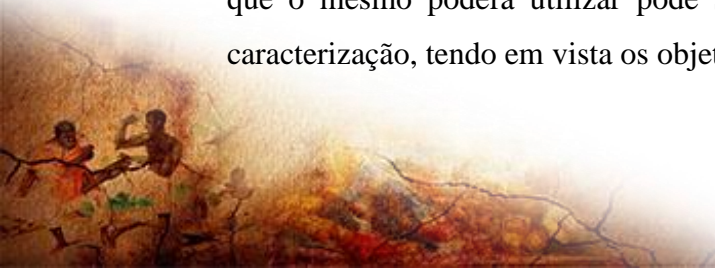
É possível entender que a linguagem literária tem suas características próprias numa contação de histórias e que, ao fazê-la, o professor dá a criança a possibilidade de reconhecê-la e logo antecipar os fatos, estabelecendo uma relação a todo sentido engajado na ficção.

Nesse sentido o professor tem um papel de grande importância, pois o mesmo quando um bom leitor, também pode ser um bom contador de histórias. A leitura é capaz de encantá-lo assim como encanta uma criança, além de aprofundar seus conhecimentos, o professor leitor é alguém capaz de ser mais sensível, de questionar-se sobre o mundo a sua volta, lembrando que “Ser professor é estar sempre em questionamento” (RITER, 2009, p. 66).

Notamos que o professor também precisa gostar de ler, e “o livro escolhido deve ser amado por seu contador, pois só assim haverá sintonia entre ambos e o resultado será o melhor possível para aquele momento, atraindo a atenção total da plateia” (RITER, 2009, p. 68). Quando há o gosto pela leitura por parte do professor, conseqüentemente haverá contações de histórias feitas com prazer e não por obrigação, uma contação de história atrativa que garantirá o envolvimento de todos e que não seja executada para passar o tempo e acalmar os alunos em dias de mais barulho ou confusão.

A contação de histórias tem o poder, para AMARILHA (2004), de acalmar os alunos, e nas mais diversas vezes, ela tem perdido o seu sentido, pois o professor conta histórias em sua sala de aula quase sempre com esse único propósito.

O professor precisa conhecer a relevância da narrativa que faz em sua sala de aula para seus alunos, precisa também ter algumas habilidades, assim como os recursos que o mesmo poderá utilizar pode ser bastante relevante, que vão desde o livro à caracterização, tendo em vista os objetivos claros de sua ação, pois





[...] ler ou contar histórias para a turma com frequência, mas sem que a definição de objetivos claros tenha determinado a utilização de uma ou outra prática; quase sempre conta a história com a qual se sente familiarizado, tendo como suporte a ilustração do livro; raramente utiliza outro tipo de recurso audiovisual no desenvolvimento dessa atividade – até porque nem sempre eles estão disponíveis (VILLARDI, 1999, p. 18).

A escola nem sempre disponibiliza de recursos para o professor, mas ele pode inovar diante de suas mais diversas possibilidades de criar, diante de sua bagagem de leitura e mesmo com apenas o livro o professor pode propor uma aula produtiva, escolhendo as leituras adequadas a sua sala de aula, a própria vivência do professor com seus alunos pode dar a ele a confiança necessária de quais leituras trabalhar em sala de aula.

O professor contador de histórias precisa “dominar” a história que irá contar em sua sala de aula, assim saberá diferenciar as falas dos personagens e saberá agir nas mais diferentes situações durante o enredo da história contada. Para isso, o educador também precisa gostar das histórias que conta, passar entusiasmo e não se mostrar desanimado durante a contação além de conhecer bem os seus alunos, assim saber quais as obras literárias utilizar, quando bem orientadas a história lida é bem compreendida, e uma leitura prazerosa traz mais significação para todos, favorecendo a formação crítica e reflexiva do leitor em formação.

O professor precisa saber que a leitura como um hábito não significa ser prazerosa e importante para os alunos, pode apenas ser uma rotina de tarefas a ser cumprida no intuito de receber uma nota, ou apenas representar a cumprimento de regras que ele ou a escola determina. O professor deve ter essas preocupações para não afastar seus alunos dos livros, deve questionar-se o tempo todo, de como melhorar cada vez mais suas práticas, de como levar seus alunos a gostarem de ler e, principalmente, deve também gostar e conhecer o que é literatura, para que serve, antes de utilizá-la em sua sala de aula.





2 A VISÃO DO PROFESSOR E DOS ALUNOS SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

2.1 O que diz o professor sobre contação de história e formação do leitor

A entrevista contém 06 (seis) questionamentos em torno da contação de histórias em sua sala de aula e o desenvolvimento de seus alunos em relação às práticas de leitura, que serão, sempre que possível, confrontadas com alguns dos fundamentos teóricos anteriormente expostos, como também com a concepção dos alunos.

Com algumas considerações sobre o que enfatizam alguns teóricos e os PCNs de Língua Portuguesa em relação à contação de histórias diante do propósito de formar leitores para toda vida, foi feita a seguinte pergunta: Você costuma ler ou contar história em sala de aula? Se sim, Como você avalia o comportamento dos alunos nesse momento? Por exemplo, se o aluno desvia a atenção da história, se ele conversa, você interrompe a história por alguma razão? Tivemos como resposta:

1. Quase todos os dias, eu acho que é importante. De início eles eram muito imperativos, não queriam prestar atenção, mas agora já noto, assim, que eles sempre gostam até, e... eles mesmos perguntam: “Ei, hoje tem historinha? Qual é a historinha de hoje”? Então eles estão melhorando a cada dia, eu diria. Eu interrompia muito, as vezes, hoje em dia eu tento envolver aquilo que eles estão falando na contação de história, porque não perde o foco, e eu gosto de fazer isso.

O professor entrevistado afirma que realiza a contação de histórias em sua sala de aula, reconhece a importância dessa ação, que foi se aprimorando com o tempo, tanto a sua prática como a receptividade dos alunos em relação ao momento da contação. Segundo sua fala, houve um processo até chegar à condição de ter a atenção dos alunos e de perceber neles o desejo de ouvir histórias e gostar de fazer isso. Outra coisa que destacamos é o fato de ele dizer que notou muita interrupção de sua parte durante a contação, mas que entendeu que a pausa tirava o foco do ouvinte.

Na segunda pergunta, questionamos: Para você, qual a importância da contação de histórias para os alunos? Em que isso pode ajudar? A resposta foi a seguinte:

2. Bem é importante de... é eu creio que é... é fundamental contar histórias, porque desenvolve a criatividade deles, a vontade de ler, a vontade de escrever, eu acho que





tudo parte daí, por que criança envolve muito a imaginação, então, se você trabalhar a imaginação deles, com certeza vai, vai... eles vão desenvolver as... as outras habilidades, mais fácil.

O professor entende a importância da contação diante da imaginação de seus alunos no que diz respeito à criatividade, à leitura e à escrita. Ao dizer que “é fundamental” porque o aluno desenvolve “criatividade [...], vontade de ler [...] de escrever”, ele enfatiza resultados já presenciados através dos momentos de contação de história.

Nesse contexto, a terceira pergunta indaga: O que você usa para contar histórias? Alguma caracterização fantoches, palitoches, livro? A resposta do professor foi:

3. Eu crio meus próprios instrumentos, né, eu uso... eu uso muito é... é, eu gosto de fazer... de fazer alguns elementos que tem na história, alguns objetos, eu uso o baú, onde eu fico tirando as coisas de dentro, pra usar a imaginação, roupa, fantasia, gosto também, né. Eu... eu mesmo, eu costumo elaborar, dentro da própria história que eu vou apresentar, eu elaboro material, usando fantoche, encenação, vídeo, né. Eu gosto, eu acho que cada história tem uma forma particular de ser contada.

Nesta resposta, vemos o professor como o criador de muitos dos instrumentos que utiliza para contar histórias, o mesmo demonstra que não cai na rotina ao dizer que “cada história tem uma forma particular de ser contada”. Essa é a perspectiva de Amarilha (2004, p. 20) ao confirmar que “esse aspecto lúdico da narrativa assegura não só a gratificação do receptor, mas também lhe faz um elogio intelectual, na medida em que suas previsões se aproximam das soluções do conto”.

O professor entrevistado diz “criar”, “fazer” e “usar” as suas próprias produções, como o baú que utiliza para retirar objetos do mesmo conforme a história contada. Fica nítido na sua fala que a elaboração desse material constitui um planejamento da contação.

Assim se faz a quarta questão: Os alunos gostam de recontar as histórias contadas ou lidas? Se sim, como você descreve esse momento? Ele nos responde:

4. Não muito (risos), eles gostam mais de ouvir mesmo, mas eles não gostam muito de recontar, mas eu já peguei muito eles assim, procurando um livro que eu já li pra eles, procurando uma história que eu já li, então, eu acho que isso é uma forma não de recontar, mas de reler, né, eu creio que... (risos). Pra mim é o melhor momento, né, que eu... eu sou muito... amo, eu sou muito apaixonado por teatro, pelas artes, então, eu acho que é o meu momento, pra mim é muito bom, muito significativo, eu mesmo amo contar história.





O fato de ver o aluno procurando o livro em que está a história, para o professor, é reler, embora, segundo ele, os alunos não gostem necessariamente de recontar, mas procuram ler as histórias contadas. Isso indica, conforme a visão docente, que o aluno se inclina à leitura. Citar a contação como “melhor momento” é apontar-se como um leitor (pois se conta a história que se conhece e lê), entretanto ele não enfatiza se esse também é o melhor momento para seus alunos.

Este é o contexto da quinta indagação: Os alunos costumam pedir para você contar histórias? Se sim, você acredita que a contação influencia diretamente na formação do aluno como leitor? Como resposta, temos:

5. Sempre, gostam muito de... eles costumam pedir sempre. Sem dúvida alguma, eu creio que se não for, se não for a partir daí, né, não tem como, eles... eles... como é que eles vão criar paixão pelo livro, se o professor não gosta de ler? Como é que eles vão querer conhecer histórias se o próprio professor nem gosta nem compartilhar com eles as histórias? Então, eu acho que tudo parte daí, desse princípio.

Mais uma vez o professor revela que o seu aluno gosta de ouvir histórias porque “costumam pedir sempre”. O professor também percebe que o seu próprio gosto pela leitura é uma ponte para que o aluno venha gostar dos momentos de contação e ser um leitor. As indagações do professor sugerem a reflexão de que não há como formar um leitor se este formador não gosta de leitura. Associamos isso às discussões de Riter (2009, p. 67) o qual entende que “ouvir histórias ou contá-las é primeiro passo na formação de leitores”.

A formação de leitores através da contação de histórias, além de ser uma formação que envolve o lúdico, desenvolve o olhar crítico e faz a criança refletir sobre aspectos da sua vida real engajados na ficção. Através da leitura de uma história, a criança também poderá procurar outros livros, outras histórias, assim estará sendo formado um leitor. Considerando esta esfera, expomos a sexta pergunta direcionada ao professor: Os alunos costumam procurar os livros a partir da contação de histórias? Se não, costumam procurar outros livros, ou não procuram livros por si mesmos? Se sim, que gêneros são mais procurados? De acordo com ele:

6. Sim, eles gostam muito de procurar, mesmo que, às vezes, só pra olhar figura, mas eles gostam de... de ir atrás do livro que saiu a história (risos). Procuram, procuram sim. Não todos. Não vou dizer que todos se não eu estaria mentindo. Mas a... a maioria





sim, gostam de tá... não só aquele livro, mas eles perguntam: “Um livro bom pra ler qual é?”, “Você já leu esse?” Fica aquela... eles gostam sim de procurar. É aqueles gêneros mesmos, eu acho... contos, eles gostam muito de contos, eu já tentei... é... eu já tentei .outros, poesia, também é bastante é..., mas, eu foco que eles gostam mais dos... dos contos, não só dos contos dos livros, mas os meus próprios, né. Eu conto muito histórias pra eles de quando eu era criança, então, eu acho que o gênero mesmo, que eles curtem, mesmo, é conto.

Através de sua resposta o professor diz que seus alunos gostam de procurar o livro do qual foi contada a história. Que também se interessam por outros livros, com os contos sendo os mais procurados, além de ressaltar ainda que também conta histórias da sua própria vida. O objetivo do professor parece ser mostrar que as histórias da sua vida também podem ser uma fonte de inspiração. Nesse sentido, o professor fala que retoma em sua prática valores antigos, mas fundamentais quando “[...] ouvir histórias era certeza da manutenção da memória de um povo e, também, momentos de lazer e troca” (RITER, 2009, p. 67).

O professor em suas respostas mostra que se vê enquanto leitor e mediador da leitura através da contação de histórias em sua sala de aula, conhece e ainda resalta a sua importância, além disso, se vê como criador de diversos artifícios para chamar a atenção e garantir a aprendizagem de seus alunos. O professor sabe que seu exemplo enquanto leitor é fundamental para despertar o gosto pela leitura em seus alunos.

Depois de compreendermos um pouco sobre a visão do professor, é necessário que entendamos também a visão discente sobre esses momentos. Para isso, passemos agora ao estudo dos questionários aplicados aos alunos da sala do mesmo professor entrevistado.

2.2 A visão do aluno de 4º ano do Ensino Fundamental sobre leitura e contação de histórias em sala de aula

Após a entrevista com o docente, foram feitos alguns questionamentos aos alunos também da turma do 4º ano da escola estadual de Patu-RN. As perguntas, além de terem sido feitas através de uma conversa, foram respondidas no papel, através das alternativas que havia em cada indagação. Todos os alunos presentes em sala de aula participaram, no total foram 13 alunos, sendo que o total de alunos na sala de aula eram 14, numa faixa de idade entre 09 e 15 anos.





A primeira pergunta apresenta: O professor costuma contar histórias para você? As respostas foram inânimes, todos os alunos marcaram a opção “sim”. Os alunos confirmam o que disse o professor sobre a frequência de contar histórias e isso revela uma prática pedagógica constante. Não podemos pensar em outra coisa sobre contação nesta sala, a não ser que assiduamente há esses momentos de muitas histórias na mesma.

Na segunda questão as repostas também foram unânimes quando perguntamos: Você gosta das histórias que o professor conta?

Se o aluno diz gostar das histórias contadas pelo professor, isso indica que este conhece e entende o gosto do aluno e, por isso, seleciona o texto/história a ser contada/trabalhada.

A terceira questão elucida: Você gosta mais de ler ou ouvir histórias? A maioria responde que gosta tanto de ler, quanto de ouvir, apenas 01 (um) dos alunos prefere só ouvir e 02 (dois) dos alunos preferem só ler.

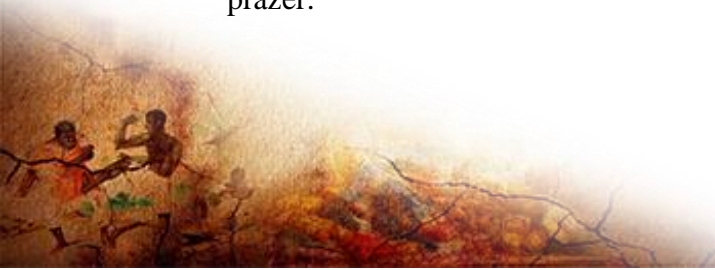
Os alunos que dizem gostar tanto de ler quanto de ouvir, a maioria, faz com que pensemos no leitor que está sendo formado, lembrando que o professor, na entrevista, disse que há alunos que procuram os livros das histórias que são contadas em sala.

Na quarta questão, perguntamos: Quando o professor conta histórias, você sente mais vontade de procurar outros livros pra ler ou prefere ouvir mais historinhas? As respostas foram as seguintes:

Tanto a terceira quanto a quarta questão, estão direcionadas a conhecer o real desejo do aluno em relação ao gosto pela leitura através da contação de histórias. Na última questão, perguntamos: Você gosta do dia que o professor conta histórias? É um dia bom na escola para você? E mais uma vez a resposta é unânime, todos os alunos respondem que sim.

O dia da contação é um dia esperado pelos alunos, os quais ressaltam em suas falas (o momento que preparamos pra que respondessem ao questionário se deu em uma roda de conversa) que ficam ansiosos para saber qual será a nova história contada pelo professor.

Sobre isso, Riter (2009) defende que ao ouvir histórias a criança está sendo preparada para entrar no universo das palavras escritas. Essa preparação diz respeito ao desenvolvimento do gosto pela leitura, uma leitura não rotineira, todavia uma leitura por prazer.

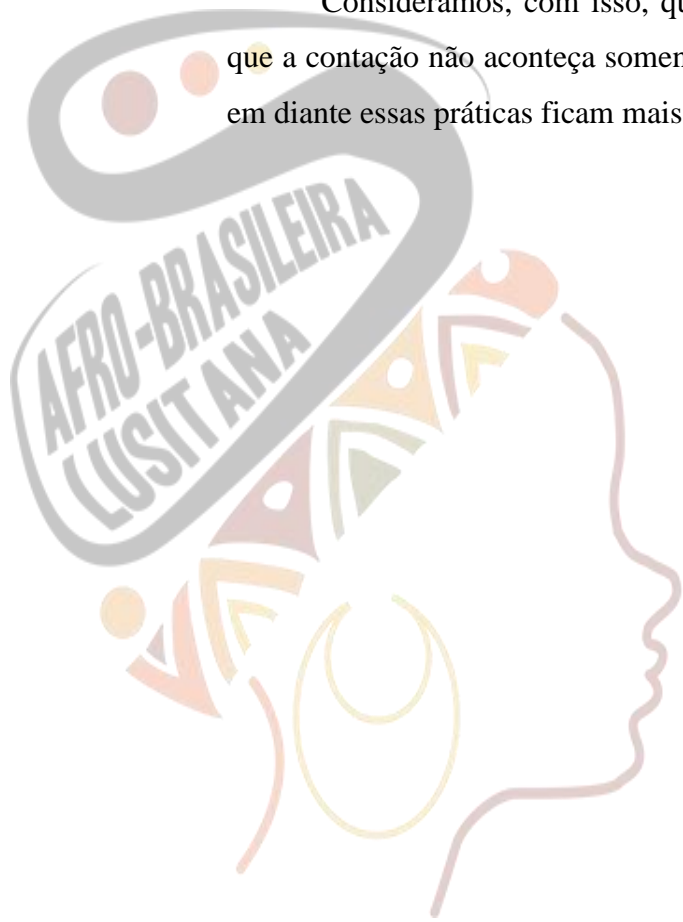




SINAFRO

Os alunos pesquisados mostram em suas respostas que estão sempre em contato com a contação de histórias, que se veem como ouvintes e leitores, que gostam tanto de ler quanto de ouvir as histórias que o professor conta em sala de aula. Vemos que a contação para eles também é de fundamental importância, fazendo com que gostem mais de ler, associando a contação ao livro e conseqüentemente à leitura.

Consideramos, com isso, que a criança gosta de ouvir histórias e é importante que a contação não aconteça somente na educação infantil, pois muitas vezes do 5º ano em diante essas práticas ficam mais dispersas.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discutiu sobre a contação de histórias e sua importância como prática fundamental para a formação do aluno leitor, pois o aluno que gosta de ouvir histórias, gostará de lê-las. Tendo o professor um papel fundamental enquanto leitor, mediador da leitura e contador de histórias, podendo fazer de um momento de leitura, um momento de aprendizagem, de satisfação e de prazer. Segundo (VILLARDI 1999).

Com essa perspectiva, este trabalho monográfico apresentou um estudo sobre a visão do professor de 4º ano de Ensino Fundamental numa escola estadual da cidade de Patu-RN, enquanto mediador da leitura e contador de histórias em sala de aula, como também a visão de seus alunos. Nosso propósito foi compreender a visão que o professor tem sobre a contação de histórias e a prática de leitura em sala de aula, e a visão do aluno, enquanto ouvinte, sobre o mesmo assunto.

Com a entrevista e o questionário realizados com os participantes envolvidos na pesquisa (lembrando que formam alunos e professor de uma mesma sala), chegamos à algumas constatações sobre as concepções docente e discente a esse respeito.

O professor entrevistado conhece a importância da contação de histórias em sua sala e faz desse momento, um prazer para que assim seus alunos busquem cada vez mais os livros. Os alunos dizem gostar das histórias contadas e reconhecem no professor um exemplo de leitor e tanto aluno quanto professor gostam do momento da contação.

Esperamos com esta pesquisa ter contribuído para a área do ensino de literatura e para as mais diversas questões que ainda permeiam o mundo da contação de histórias e dificultam a visão do professor em relação a se enquanto leitor e a seus alunos em relação a contação de histórias para a formação de leitores em sua sala de aula.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1994.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
_____. **Alice que não foi ao país das maravilhas: a leitura crítica na sala de aula**. Petrópolis/RJ: vozes, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro, segundo, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Ministério da educação e do desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF, 1998.

COELHO, N. Novaes. **Literatura: Arte, Conhecimento e Vida**. Petrópolis: Fundação Petrópolis, 2000.

CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil teoria e pratica**. São Paulo. Editora Ática. 1988.

PAIVA, A. SOARES, M. (organizadoras). **Literatura infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2008.

_____. MARTINS, A. PAULINO, G; VERSIANI, Z (orgs). **Leituras literárias: discursos transmissivos**. Belo Horizonte: Ceale / autêntica, 2005.

RITER, C. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. 1.ed. São Paulo: Biruta. 2009.

PENNAC, D. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

VILLARDI, R.. **Ensinando gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro. Dnya Editora. 1999.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. **A literatura infantil na escola**. 11.ed. São Paulo: Global, 2003.

